



ENSAIO FOTOGRÁFICO

14 *Um carnaval com as escolas de samba em Manaus (AM)*

(A carnival with samba schools in Manaus [AM])

Ricardo José Barbieri¹

Taynah da Silva Pinheiro²

1. Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Pesquisador associado do RISU – Núcleo de Pesquisa em Rituais, festas e Sociabilidades Urbanas da UFRJ. Autor do livro “Acadêmicos do Dendê quer brilhar na Sapucaí” (2012). E-mail: delezcluze@gmail.com.

2. Professora do Departamento de Farmácia e Administração Farmacêutica da UFF. Doutoranda em Ciências Aplicadas a Produtos para Saúde pelo PPGCAPS da UFF. Fotógrafa amadora que acompanhou o ciclo de preparação e os desfiles das escolas de samba de Manaus nos carnavais 2014 e 2015. E-mail: taynah.pinheiro@live.com.



Resumo – Neste ensaio fotográfico acompanhamos o ciclo carnavalesco das escolas de samba de Manaus (AM) iniciado na conturbada apuração do carnaval de 2014, que terminou com todas as escolas declaradas campeãs, até o desfile do carnaval de 2015. Neste caminho buscamos ressaltar as particularidades das escolas de samba na cidade e acompanhar as redes de sociabilidade produzidas por seus componentes. A pesquisa organiza-se em três momentos, sendo o primeiro a abordagem das estratégias de identificação frente à cidade por parte de uma escola de samba em um bairro estigmatizado. Logo após, enfocamos o processo de reafirmação simbólica da escola de samba em um bairro socialmente valorizado. Finalmente chegamos ao desfile como momento apoteótico das agremiações.

Palavras-chave: Escolas de Samba. Carnaval. Bairro. Cidade. Manaus.

Abstract – In this photo essay we follow the carnival cycle of samba schools of Manaus (AM) started in the troubled judgement of carnival 2014, which ended with all schools declared champions, until the carnival parade of 2015. In this way we seek to highlight the particularities of samba schools in the city and follow the networks of sociability produced by their components. The research is organized in three moments, the first being the approach of identification strategies in front of the city by a samba school in a stigmatized neighborhood. Soon, we focused on the process of symbolic reaffirmation of the samba school in a socially valued neighborhood. Finally we arrived at the parade as an apothotic moment of the associations.

Keywords: Samba schools. Carnival. Neighborhood. City. Manaus.



3. O texto deste ensaio foi escrito por Ricardo José Barbieri, também autor da tese de origem deste ensaio. Já as fotos que ilustram este texto e que acompanharam a pesquisa citada, foram produzidas por Taynah Pinheiro.

1. Por que pensar escolas de samba a partir de Manaus (AM)³

Ao tomarmos o carnaval das escolas de samba que acontece anualmente na cidade de Manaus (AM) podemos pensar sobre uma série de aspectos em que esta manifestação é protagonista em diversas cidades do Brasil, muito além do Rio de Janeiro. Ao mencionar o fenômeno de expansão das escolas de samba pelo Brasil, José Sávio Leopoldi comenta (2010, p.78): “As escolas de samba apresentam, não só o mesmo padrão de exibição pública como também tendência para o estabelecimento de um modelo semelhante de organização interna”. Tomando esta perspectiva, poderíamos concluir que uma vez conhecida uma escola de samba conheceríamos a todas. Entretanto, dado o intercâmbio constante entre os componentes das escolas de samba, inclusive com seus múltiplos pertencimentos e participações em escolas dos mais diversos grupos e das mais diversas cidades seria de fato possível constatar a homogeneização da organização e das formas de apresentação dessas escolas de samba espalhadas pelo Brasil? Parti da negativa desta premissa na minha pesquisa de doutoramento em antropologia concluída em 2016. Ainda naquela ocasião me questionava se as escolas de samba são uma

forma singular de expressão e organização carnavalesca que existe em diferentes contextos urbanos, o que haveria de específico no contexto das escolas de samba em Manaus? E partindo desta pergunta procurei mapear etnograficamente o que diferencia este universo de escolas de samba em Manaus de outras escolas de samba e carnavais pelo país.

Uma das principais formas de fazê-lo seria justamente percorrendo a cidade procurando através dos becos, ruas e avenidas – incluindo a que se samba – conversando com as gentes que fazem e festejam nos carnavais. Em um movimento que vai do centro para as periferias e coloca novamente as periferias no centro dessas cidades. Protagonizando uma festa sinérgica onde o nome dos bairros estigmatizados pela pobreza ou pela violência são ressignificados. E os bairros viram territórios sagrados para toda uma cidade. Os bairros se tornam polos de pensamento como as universidades, de celebração de crenças como espaços religiosos ou de resistência como centros culturais.

Para além deste movimento precisamos acompanhar os pontos culminantes daquilo que seria um ritual competitivo para onde convergem as escolas de samba (CAVALCANTI; 2006). O desfile em formato processional onde as alegorias e fantasias são



ritualmente consumidos ao som de uma trilha sonora repetida dezenas de vezes, sambada ou dançada por milhares de componentes a cada grupo que atravessa a passarela do samba. Tudo com um mote chamado pelos sambistas de enredo, o pano de fundo que simultaneamente é o núcleo central de onde se origina a concepção artística da festa. Uma festa que não acaba no desfile, mas se prolonga na expectativa da abertura de envelopes com as notas atribuídas por jurados necessariamente externos ao mundo do samba e que decidem quais grupos e as comunidades por ele representadas despontarão para a cidade como os melhores, os campeões.

E se tomarmos este ponto final como ponto de partida? Assim sendo convidamos os leitores a adentrar nesse universo das escolas de samba de Manaus a partir da observação de um ciclo de preparação até os desfiles no ano de 2015. O ano é significativo para a história deste carnaval e daquelas escolas de samba pois se dá subsequentemente ao caótico carnaval de

2014. Naquele ano de 2014 as escolas de samba ameaçaram não desfilarem por conta de uma série de dificuldades que incluíram: atraso e redução na subvenção das escolas, interdição do sambódromo até alguns dias antes do desfile e um temporal durante toda a noite de desfiles. A apuração do carnaval de 2014 em Manaus foi especialmente conturbada. Fechados em uma sala do Liceu de Artes e Ofícios – que funciona em salas abaixo das arquibancadas do sambódromo de Manaus – a maioria dos presidentes das escolas de samba do Grupo Especial, a primeira divisão do carnaval, decidiu que naquele carnaval todas as escolas de samba seriam declaradas campeãs. Mais do que isso, para que não houvesse possibilidade de decisões judiciais interferirem na decisão, todos os envelopes seriam imediatamente incinerados ainda lacrados (Figura 1). A particularidade da ocasião já nos leva ao imediato choque sobre as singularidades do carnaval das escolas de samba naquela cidade.



Figura 1. Os mapas de notas ainda lacrados sendo incinerados na parte externa da sala de apuração no Sambódromo



Foto de Taynah Pinheiro (2014)



Na cidade de Manaus, as escolas de samba encontraram uma ampla possibilidade de expansão e lugar de predileção entre as festas populares. O primeiro desfile oficial aconteceu em 1947. Naquele ano, apresentando-se na principal avenida da cidade, a Eduardo Ribeiro, localizada na área urbana central, duas escolas duelaram: A Escola Mixta da Praça 14 e A Voz da Liberdade. Desde então, o crescimento das escolas na cidade é atestado seja pelo crescente número de escolas e componentes, como também por sua influência na vida de diversos bairros e no rico cenário das festas urbanas. Tal expansão encarou apenas uma pausa de oito anos na década de 1960 (entre 1962 e 1970). Quando retornou, no entanto, foi com tanta força que motivou a construção por parte do governo estadual do Amazonas de um sambódromo nos moldes do existente no Rio de Janeiro desde 1984.

O sambódromo de Manaus (Figura 2) entra no rol das grandes arenas festivas brasileiras. Inaugurado em 1993 como Centro de Convenções de Manaus, é estrutura arquitetônica que impressiona tanto por sua arquitetura quanto por sua grandiosidade. Esta construção, que comporta mais de 100.000 pessoas, expressou o reconhecimento público das escolas de samba na cidade de Manaus. Temos aqui o maior em

capacidade de público do Brasil, superando até mesmo o projeto original do Rio de Janeiro. O Centro de Convenções de Manaus, apesar do uso múltiplo para shows, paradas militares, festas religiosas e os já conhecidos eventos dos Bois de Parintins (AM) em Manaus, foi construído com a finalidade explícita de abrigar as escolas de samba. Sua localização na zona centro-sul de Manaus, mais precisamente na fronteira entre os bairros da Chapada, Flores e Alvorada, é de fácil acesso.

Em seus oito blocos de arquibancadas temos a estrutura mais impressionante, a chamada ferradura, de onde é possível assistir a um desfile vindo em sua direção sem pagar nada por isso. Não é à toa que logo abaixo dos lances de arquibancada da chamada ferradura estejam localizados os camarotes e as mesas de pista, únicos setores onde é preciso pagar para assistir aos desfiles. Outra peculiaridade é a territorialidade dos setores de arquibancadas que obedecem a lógica da rivalidade entre as torcidas das escolas de samba em Manaus. Cada setor é ocupado por uma torcida de escola diferente. Como são oito setores e, muitas vezes, mais do que esse número desfila na primeira divisão do carnaval manauara, o convívio entre torcedores das mais populares e das escolas menores é possível e chega a ser negociado.



Isso nunca acontece, no entanto, entre as de maior torcida ou concorrentes diretas por um campeonato. Assim, é comum que os torcedores das escolas de samba se organizem para promover festas nas arquibancadas durante os desfiles.

Vizinho ao complexo que abriga as arquibancadas e pista de desfiles, temos um conjunto de oito galpões chamado Morada do Samba Luizinho Sá (Figura 3), onde são preparadas as alegorias e fantasias das escolas de samba do Grupo Especial, a primeira divisão do carnaval de Manaus. Inaugurada quase simultaneamente, entre 2003 e 2005, ao espaço similar do carnaval carioca – a Cidade do Samba – frisa a centralidade do sambódromo no contexto do carnaval de Manaus. A Morada do Samba serve tanto para a preparação das alegorias como espaços auxiliares para ensaios secretos ou abertos de diferentes segmentos das escolas. A Sem Compromisso

é um exemplo por utilizar o próprio galpão ou a parte da frente dele para ensaios da bateria enquanto sua quadra era construída no bairro Nova Cidade, na zona norte de Manaus. Escolas da segunda à terceira divisões, apesar de não terem um galpão coberto na Morada do Samba, compartilhavam espaços abertos e improvisados no que foi concebido como estacionamento do sambódromo (Figura 4) ou concentração da pista de desfiles para preparar as alegorias com que desfilariam no carnaval.

Temos no sambódromo de Manaus o ponto convergente da cidade nos dias carnavalescos. Porém, há um caminho que precisamos percorrer até chegarmos lá. Um caminho que passa pelos bairros onde estão sediadas as escolas de samba que disputariam o título do carnaval de 2015. Lugares significativos para conhecermos e entendermos o carnaval das escolas de samba na cidade de Manaus.



Figura 2. Sambódromo de Manaus visto do alto do último setor de arquibancadas



Foto de Taynah Pinheiro (2013)



Figura 3. Ensaio da GRES Sem Compromisso na porta do galpão de alegorias da Morada do Samba



Foto de Taynah Pinheiro (2014)



Figura 4. Barracões das escolas dos Grupos de Acesso improvisado no estacionamento da Morada do Samba



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



4. Dados da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SEDECTI). 2017. Consultado em 7 de fevereiro de 2020.

Um deles está ali pertinho do sambódromo, trata-se do bairro da Alvorada. Com população de 76 392 pessoas⁴ está localizado na zona centro-oeste de Manaus. O bairro da Alvorada, onde o complexo de galpões e o Centro de Convenções de Manaus está sediado. Na verdade, o Sambódromo de Manaus está localizado na região limítrofe entre o bairro da Alvorada e o bairro da Chapada. Por estar tão próxima da atual pista de desfiles das escolas de samba, a escola sediada no bairro tem crescido em interesse e disputado posições mais altas dentre as escolas de samba. Assim, a torcida da escola também é uma das que ocupam inteiramente um setor específico de arquibancadas do sambódromo,

logo o primeiro, ao lado da concentração dos desfiles (Figura 5). Seus torcedores tratam de logo adereçar o espaço com as cores da agremiação, o azul e branco, assim como faixas que levam o lema da escola de samba: “Arrocha Alvorada!” Recentemente a escola de samba Unidos da Alvorada inaugurou uma quadra com o patrocínio do Governo do Estado, mais exatamente no ano de 2014 (Figura 6), mas a agremiação mantém uma ligação afetiva com o antigo espaço de ensaios, ainda a céu aberto, ao lado do Bar do Jacaré. Muitas agremiações de Manaus ainda não têm suas sedes construídas, circulando entre diferentes espaços ou até mesmo bairros, em diferentes zonas da cidade.



Figura 5. Arquibancada com torcedores da Unidos da Alvorada com adereços pouco antes do desfile



Foto de Taynah Pinheiro



Figura 6. Componentes da Unidos da Alvorada entrando encerrando o ensaio de rua em frente à quadra



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



5. No meio carnavalesco quando uma escola de samba deixa de desfilhar costumam dizer que a agremiação “enrolou a bandeira”.

Em bairro limítrofe ao da Alvorada e pouco mais de 5 quilômetros de distância do sambódromo estava sediada o Império da Kamélia. A escola de samba tinha em seu nome a boneca símbolo do carnaval manauara (Figura 7). Salles (2009) relata que, em 1938, um folião chamado Cândido Geremias, o Kandú adquiriu em um bazar do centro de Manaus uma boneca negra vestida de baiana no estilo das que vemos no carnaval de Olinda. Depois de levar a boneca para a rua, ela foi rapidamente reverenciada como um dos símbolos do carnaval de Manaus. Era um período em que os bailes de clubes tinham destaque no carnaval e o Olímpico Clube acabara de ser fundado pelo mesmo Kandú, localizado no Centro de Manaus, logo adotando a novidade em seus bailes. Já em 1939 a boneca era festejada no clube onde ganhou brincos nas cores dos 5 aros do brasão do Olímpico. Desfilava ainda pelas ruas apoiada no galho de uma Ingazeira ao som da marcha “Jardineira”, de onde veio a inspiração para seu nome. A aclamação

da boneca na cidade era tanta que, em 1958, a Kamélia passou a receber a chave da cidade das mãos do prefeito, simbolizando assim a abertura do carnaval. Todos os anos, o rito que abre oficialmente o carnaval de Manaus é a chegada da Kamélia no Aeroporto, onde é recepcionada por representantes de todas as escolas de samba, pela corte do carnaval - composta pelo Rei Momo, Rainha do carnaval, Passistas de ouro e Mulata de ouro - e pelo prefeito. De lá partem em carreata para a sede do Olímpico clube, de onde Kamélia só sai para a abertura do carnaval no sambódromo. A escola de samba surgiu bem depois, em 2003, por iniciativa da diretoria do próprio Olímpico Clube. No entanto, foi apenas em 2006 que a escola Império da Kamélia desfilou no sambódromo de Manaus terminando na sétima colocação da 3ª divisão do carnaval de Manaus. As referências no pretérito em relação a esta agremiação decorrem do fato de ela ter encerrado suas atividades em 2017⁵.



Figura 7. A boneca símbolo do carnaval de Manaus, a Kamélia, abre o ensaio da Império da Kamélia no Sambódromo



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



O que comprovamos justapondo o endereço das sedes atuais e o mapa da cidade é que ainda há uma concentração no entorno do centro da cidade. A explicação para tal concentração vem do fato de que essas regiões demarcam o espaço de ocupação inicial da cidade até a década de 1970. A isso relaciona-se a proximidade das escolas com a primeira pista de desfiles localizada na Avenida Eduardo Ribeiro, localizada no centro da cidade de Manaus.

Um destes exemplos é a escola de samba Balaku Blaku. Tal distribuição das escolas tem ligação de escolas de fundação mais recentes com os bairros mais populosos e frentes novas de expansão da cidade. Pois se os bairros das regiões Sul e Centro têm dimensões reduzidas, as ocupações mais recentes nas zonas Leste, Oeste e Norte de Manaus são bem mais populosas o que cria uma identificação prévia entre os torcedores, ainda que não seja obrigatória. As modificações, os deslocamentos históricos na cidade explicam também a perda de torcedores de algumas escolas. São exemplos os casos de urbanização e retirada das casas flutuantes e das palafitas através de projetos como o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM). A escola de samba Balaku Blaku localizada bem ao lado de uma das áreas pioneiras deste projeto foi uma das que per-

deram muitos torcedores depois do deslocamento populacional para outras áreas da cidade de antigos moradores do centro:

Não sei se você conhece aqui a região, mas isso aqui em frente onde agora é o parque e tá tudo urbanizado eram casas flutuantes. Há coisa de 4 anos que já fez essa modificação. Fizeram a revitalização da região. Isso tirou muita gente. Nós perdemos muita gente. Até as pessoas que moravam aqui virou muita empresa aqui, prédios comerciais. A área do centro residencial praticamente acabou. (...). Hoje em dia nossa comunidade mais forte é ali Ramos Ferreira, Ipixuna. (Armando, fundador da Balaku Blaku – entrevista em 19/01/2014)

Conseqüentemente, como veremos, as contradições e as questões que afetam os bairros vão se refletir nas escolas de samba. No discurso do presidente da escola de samba A Grande Família, por exemplo, que sempre relaciona as dificuldades a que estão sujeitos os moradores da região àquelas vividas no desfile, o pertencimento a escola vincula-se à Zona Leste da cidade. Potencializa-se, assim, a importância da identificação entre os moradores do bairro e a escola de samba:



Quem mora na Zona Leste sabe o que é falta de luz e falta de água. Nós já desfilamos no escuro para um sambódromo inteiro. E agora vamos desfilarmos embaixo de chuva. E vamos nos superar pois são bênçãos de Deus! (Discurso do presidente Gilberto Andrade no desfile da A Grande Família – 01/03/2014)

Figura 8. Presidente da A Grande Família discursa no início do desfile da escola de samba



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



Ao percorrer as escolas, circulamos necessariamente entre os diferentes bairros com suas peculiaridades e identidades características no imaginário social urbano. Podemos sair do bairro São José Operário, na zona Leste de Manaus, onde está A Grande Família em direção ao centro da cidade, onde está a Balaku Blaku. Uma distância de aproximadamente 16 quilômetros. Ao chegarmos deparamos com uma agremiação que foi batizada graças aos dizeres incompreensíveis de um antigo personagem do bairro onde está sediada, o Alemão, da Rua Lima Bacuri como nos explica um dos fundadores da escola, Manoel:

O que muita gente pode ligar a uma onomatopeia ligada ao som do batuque do samba na verdade é uma palavra inventada por um doido pitoresco da região, conhecido por Alemão da Lima Bacuri. Ele dormia em um “camburão desse de 200 litros de água vazio dentro da quadra. Quando passava aqui na frente da quadra ele gritava: “iscachim balaku blaku pega na pele do meu saco e joga dentro do seu buraco”. E ele também gritava “Tá chegando” quando a gente perguntava “quem tá chegando?” Ele respondia “macacatumibia”. Ninguém nunca soube o que era balaku blaku. Até pesquisamos mas nunca achamos. Nem macacatumibia nada disso. (Manuel, fundador da Balaku Blaku – 19/01/2014)



Figura 9. O casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Balaku Blaku, Stanio Silva e Naruna Sahdo



Foto de Taynah Pinheiro (2015)

6. Em Manaus existiu até início dos anos 1980 a forma carnavalesca brincada apenas por um grupo rítmico do que hoje é conhecido como baterias das escolas de samba. Era um híbrido entre escolas de samba e blocos inclusive com um desfile competitivo pelo centro da cidade. Neste caso das batucadas, o núcleo central era o grupo rítmico que competia entre quem apresentava as performances mais ousadas (SALES, 2009).

7. Desenvolvimento de SIG para Análise Epidemiológica da Distribuição Espacial da Malária no Município de Manaus - um Enfoque em Nível Local.

8. As catraias eram pequenas embarcações cobertas de toldo com capacidade de 15 a 20 passageiros utilizadas como meio de transpor-

Naqueles idos dos anos 60 a Balaku ainda era batucada⁶ e o primeiro enredo segundo eles foi justamente o Alemão da Lima Bacuri. Seguiremos neste trabalho a busca por elementos que marquem esta ligação da simbolização assumida pelas escolas com o cotidiano citadino dos bairros que as sediam.

2. Morro da Liberdade: um bairro que samba sobre seus estigmas

O bairro do Morro da Liberdade, está localizado na zona sul da cidade de Manaus. Situado a 7 quilômetros do centro da cidade, com uma população de 13.599 moradores⁷.

A data de fundação do bairro foi estipulada por decreto de autoria do então vereador Bosco Saraiwa, sendo este um dos fundadores da escola de samba Reino Unido da Liberdade e nascido no Morro. A data de 4 de dezembro de 1892 foi escolhida tomando como referência o dia da fundação do terreiro de Santa Barbara por Joana Gama, mãe de santo maranhense. Ela foi uma dentre muitos imigrantes maranhenses que aportaram em Manaus naquele ano. A corrente migratória foi estimulada pelo então governador Eduardo Ribeiro, também maranhense, no auge do ciclo da borracha ((BENCHIMOL, 1999).

Quando Joana Gama chegou ao porto da Pancada onde atracavam as catraias⁸ vindas do bairro da Cachoeirinha, vizinho ao Morro da Liberdade, pelo Igarapé do Quarenta, este ainda era o Morro dos Tucumãs em referência a vegetação predominante do local. Foi de Joana a primeira moradia do local. A inauguração do terreiro de umbanda coincide com a festa de Santa Barbara que movimentava o bairro.

O bairro do Morro da Liberdade se expandiu sob o estigma da marginalização. Esta visão que promove a estigmatização social se encontra difundida na cidade e sustenta a segregação espacial da região conhecida como zona vermelha por conta de supostos elevados índices relativos à criminalidade. O conceito aqui utilizado baseia-se na obra de Erving Goffman (1988) onde o indivíduo estigmatizado torna-se portador de uma identidade social marcada negativamente que frustra possíveis expectativas de interações rotineiras e regulares.

Temos outros exemplos referenciais na antropologia de como festas populares atuam ressignificando um espaço urbano. Estudando o bairro do Jurunas em Belém (PA), Carmen Isabel Rodrigues (2008) demonstra como a escola de samba Rancho Não Posso me Amofiná e as festas no bairro operam no resgate da autoestima frente uma visão ne-



te na travessia entre os igarapés de Manaus até meados de 1980 (OLIVEIRA, 2003).

gativa do restante da cidade sobre aquela área. No caso jurunense, de forma bem similar ao Morro da Liberdade, em contraposição “às imagens de violência operam as imagens de um bairro festeiro, através das quais os jurunenses se reconhecem e são reconhecidos por moradores de outros bairros” (op.cit, p.128). O que fica claro, no trabalho de Rodrigues, é a reconstrução positivada da identidade jurunense através do pertencimento à escola de samba Rancho Não Posso Me Amofiná.

A mesma iniciativa vemos em alguns dos moradores do Morro da Liberdade. Estes buscam imprimir uma visão diferente e um bom veículo da representação positiva do *Morro* - como o bairro é chamado de forma simplificada pelos seus moradores - advém da escola de samba lá sediada, o Reino Unido da Liberdade.

A escola de samba adota uma série de iniciativas que tenta reverter e até consegue com relativo sucesso, reverter este estigma sobre o bairro. O primeiro relacionado ao lema da escola de samba que era o “Reino Unido da Liberdade, aqui reina o espírito imortal da resistência do samba. Uma escola de vida.” Uma outra iniciativa do Reino Unido era a primeira e única escola de samba mirim de Manaus, o Reino do Amanhã. o desfile do Reino do Amanhã

composto apenas por crianças em todos os segmentos e alas é celebrado no Morro da Liberdade como a ocasião que prenuncia o início das atividades da escola de samba pelas ruas do bairro. Geralmente as crianças fazem o mesmo percurso feito pelo Reino Unido da Liberdade em seus ensaios de rua. As crianças saem fantasiadas com material reciclado do desfile anterior e sua participação é estimulada no processo de confecção. Para participar, há uma cobrança da agremiação em relação ao desempenho escolar da criança. Algo bem parecido com o que ocorre entre as escolas de samba mirins cariocas.

O Reino Unido da Liberdade tornou-se, a partir de sua fundação, referência como reduto boêmio da cidade graças ao *Pagode da Resistência*, realizado durante todo ano nas noites de sábado. Torna-se especialmente concorrido quando se aproxima o carnaval, mas a boa audiência se perpetua nos demais meses do ano, quando as rodas de samba são menos frequentes na cidade. Apesar das rodas de samba dos meninos do Morro já acontecerem em diferentes bares do bairro antes da fundação da Reino Unido, o Pagode da Resistência foi institucionalizado no local onde atualmente ocorre apenas em 1996. Por sugestão de um deles, o sambista Zé Picanço, a roda passou a acontecer no *Botekão do Reino*, o bar loca-



lizado em frente a antiga quadra de ensaios, na Rua São Pedro. O sucesso do novo endereço foi marcado pela comemoração dos 10 anos de Pagode da Resistência no mesmo local com a rua recebendo grande público para atrações como Fundo de Quintal, Reinaldo Príncipe do Pagode entre outros. Nos anos anteriores sambistas conhecidos como Almir Guineto, Monarco, Zeca Pagodinho e Paulo César Pinheiro já haviam prestigiado a famosa roda de samba do Morro da Liberdade.

Os componentes do Reino Unido, orgulhosos do reconhecimento, insistem em preservar o evento, cuidando para afastar o estigma da violência, respondendo a matérias em jornais de grande circulação que apontam alguma ocorrência no Morro da Liberdade. Vemos também o cuidado dos componentes em organizar o espaço do entorno do evento, fazendo acordos com moradores, ambulantes e donos de carros com potentes aparelhagens de som.

Para tanto contam com a colaboração dos jovens da maior torcida organizada das escolas de samba de Manaus, os Gigantes do Morro. Fundada em 1985 por Célia Colares, já falecida moradora do Morro da Liberdade. O núcleo duro da torcida é formado por cerca de quinze organizadores de diferentes partes da cidade. Sua composição, entretanto, é na maior

parte de moradores do Morro. A festa dos Gigantes tem grande porte e geralmente demandam um grande orçamento, portanto, são necessários meios para viabilizar estes gastos com a venda de camisetas, adesivos entre outros nos eventos da escola. No dia do desfile, a torcida tem que esbanjar brilho com fogos de artifício iluminados. Formam mosaicos nas cores da escola com bandeiras ou bolas. Bandeiras, faixas de incentivo e outros são utilizados como forma de incentivo aos desfilantes. Tudo para a torcida ser a maior e promover a melhor festa contagiando assim os componentes do Reino Unido. Outra ação da Gigantes do Morro é a carreata para propagar a proximidade do dia de desfile e o samba do Reino Unido da Liberdade pela cidade. A carreata tornou-se um evento do calendário oficial da escola, antecede em uma semana a realização dos desfiles. Atravessa diferentes bairros da zona sul de Manaus saindo de frente da quadra com término no sambódromo. Por lá, os Gigantes desfraldam suas bandeiras tal como nos ensaios de rua, ensaios técnicos no sambódromo e nos desfiles. Os integrantes da torcida servem ainda de elo de negociação com os donos de carros equipados com aparelhagens de som comuns a sociabilidade jovem das periferias de Manaus.



Figura 10. A torcida organizada Gigantes do Morro durante o desfile do Reino Unido da Liberdade no carnaval de 2015



Foto de Taynah Pinheiro (2015)

9. O período da borracha foi um período significativo para a urbanização da cidade de Manaus. Obras de infraestrutura inauguradas no período foram um legado para a cidade ainda que a industrialização não tenha deixado marcas, vindo a desenvolver-se apenas posteriormente. (OLIVEIRA, 2003).

10. Censo Brasileiro de 2010 em <http://censo2010.ibge.gov.br/sobre-censo>.

11. A faculdade de farmácia foi pro campus da UFAM no bairro do Coroado, zona leste de Manaus, em 2015.

12. O Índice de Bem Estar Urbano (IBEU) é um indicador criado pelo Observatório das Metrópoles que “procura avaliar a dimensão urbana do bem-estar usu-

Fundada em 5 de setembro de 1981, o Reino Unido da Liberdade foi campeão do carnaval de Manaus treze vezes, sendo que destes, sete títulos foram nos últimos vinte anos. Também neste período, conseguiu seis dos oito vice-campeonatos de sua história. Assim sendo a escola é atualmente quase todos os carnavais uma das postulantes ao título. Tal fato a fez se firmar como a principal rival de uma das grandes vencedoras das últimas décadas: a Mocidade de Aparecida.

3. O bairro, a igreja e sua escola de samba

Mocidade Independente de Aparecida, cuja sede fica no bairro de Nossa Sra. de Aparecida. Localizado na Zona centro-sul de Manaus, o bairro de Aparecida faz limite com o Centro de Manaus, e com os bairros de São Raimundo, Glória e Presidente Vargas. Trata-se de um dos mais antigos bairros, onde o ciclo da borracha (1890-1914)⁹ deixou marcas até hoje identificáveis. É um bairro pequeno, com uma população de pouco mais de seis mil habitantes¹⁰, que abrigou também uma série de empresas manufatureiras no ápice da Zona Franca de Manaus, na década de 1970. Mesmo com a decadência da Zona Franca e o fechamento de várias dessas indústrias, o bairro continua bem provido e reconhecido pelo comércio e serviços

públicos. Nele se encontram o Centro de Convivência do Idoso, o Colégio Militar, a antiga Faculdade de Farmácia da UFAM¹¹, fóruns de juizados especiais, consultórios médicos, odontológicos e oftalmológicos. A predominância do catolicismo entre seus moradores se expressa no próprio nome do bairro que abriga a igreja de Nossa Senhora Aparecida.

O bairro de Aparecida destaca-se por ter o maior IPTU da região central e por indicadores sociais positivos. Tem um dos maiores IDH de Manaus e o melhor IBEU¹² da cidade. Porém, não é dos mais valorizados no mercado imobiliário. Em parte, isso é atribuído ao alto valor do IPTU, em outra parte à sensação de perigo que remete à criminalidade e violência no bairro. Apesar dos indicadores da Secretaria de Segurança Pública estadual apontarem baixos índices de ocorrência, sua proximidade com o Centro da cidade é indicada como responsável pelo aumento desta sensação de violência. Há ainda os que apontam outros problemas que, embora não detectados em dados estatísticos, nos remetem a certo ar nostálgico com que o bairro é vivenciado entre os habitantes de Manaus. É o caso do historiador João Roberto Bessa Freire (2007):

O contingente habitacional aumentou consideravel-



fruído pelos cidadãos brasileiros promovido pelo mercado, via o consumo mercantil, e pelos serviços sociais prestados pelo Estado. Por meio do índice é possível analisar indicadores de mobilidade urbana; condições ambientais urbanas; condições habitacionais urbanas; atendimento de serviços coletivos urbanos; infraestrutura urbana”. (IBEU; 2013)

mente, ficando para trás alguns hábitos provincianos, com sua paisagem urbanística sendo mesclada por arquitetura improvisada, pela emergente necessidade de alguns moradores de manterem uma identidade urbana. Hoje isso pode ser constatado através da observação da orla do igarapé de São Vicente, que se encontra literalmente tomada por embriões de pau a pique, avançando de forma inexorável pelos leitos dos igarapés circunvizinhos, sem um planejamento e saneamento básico, capazes de propiciar uma qualidade de vida adequada. (Op.cit, p.39)

O bairro nasceu da expansão do centro da cidade no século XVII. Inicialmente chamado bairro das Cornetas passando a Cajazeiras e bairro dos Toccos. Adotou-se a atual denominação apenas em 1944 com a chegada de missionários americanos que ali instalaram a nova paróquia de Nossa Senhora de Aparecida. O ápice de sua ocupação aconteceu antes da década de 1920, quando empresários da borracha instalaram ali casas geminadas para aluguel aos trabalhadores urbanos. Abrigou também intelectuais amazonenses, entre eles o folclorista Mario Ypiranga Monteiro, que chegou a ser enredo da escola de samba do bairro em 1999.

As marcas deixadas pelos missionários foram

ainda mais indelévels. A devoção à santa e a centralidade das atividades paroquiais no cotidiano do bairro remontam a este período. As festas, os encontros que marcam aspectos tradicionais do bairro acontecem respeitando os horários da igreja principal. As principais atividades sociais e os clubes nasceram desta demanda ou tiveram os espaços paroquiais como berço (FREIRE, 2007).

Do envolvimento religioso adveio a produção de práticas culturais que marcaram a própria identidade do bairro. Temos aqui um processo que a antropologia urbana há muito observa. No bairro do Jurunas em Belém (PA), Rodrigues (2008) chamou atenção, no mesmo contexto amazônico, para o lugar ocupado por um conjunto de práticas culturais de fundo religioso na produção de um sentimento de pertencimento à localidade. Ou em Portugal onde num bairro popular, festas populares de fundo religioso propagam a mesma identificação simbólica (CORDEIRO, 1997).

Na história do bairro de Aparecida consta ainda a existência de fábricas que impulsionaram sua ocupação pelo operariado urbano, em especial a cervejaria Amazonense fundada em 1912. A Zona Franca de Manaus trouxe nova definição ao bairro que, com a proximidade do centro, passou a ter mais visibilida-



13. Moradores do bairro de São Raimundo eram conhecidos como “bucheiros” devido a um grande matadouro que existiu no bairro.

de em seus empreendimentos.

Como em todos os bairros de Manaus, a história desse bairro é permeada pela relação com seus bairros vizinhos. Todos eles formam um aglomerado de ocupações antigas, e guardam na atualidade resquícios de relações conflituosas dos outrora existentes entre jovens dos respectivos bairros. A juventude de

Aparecida tinha seus rivais na Matinha (atual Presidente Vargas que vemos na Figura 11); nos bucheiros de São Raimundo¹³ no outro lado do igarapé; e na Glória. Talvez aí estejam as raízes propulsoras da fundação da escola de samba, integrante do congraçamento coletivo dentro do qual o bairro rivaliza com outras regiões.



Figura 11. Ensaio do GRES Presidente Vargas acontece na rua já que a sede da escola é uma pequena casa neste Beco Boa Sorte



Foto de Taynah Pinheiro (2014)



14. Fundada por Armin-do, Arthurzinho, César Gato, César Bandeira, Chico Mocidade, Delgado, Eudimar Bandeira, (o Nem), Mestre Jô, João André, Jorginho Devagar.

Com a expansão urbana trazida pela Zona Franca nos anos 1970, por ser um dos bairros próximos e provido de boa infraestrutura urbana, o bairro de Aparecida foi um dos pontos beneficiados. A ocupação das margens dos igarapés com moradias insalubres e precárias aqui já descritas diversificou a formação social e cultural do bairro, que manteve, entretanto, os traços anteriores. Nas ruas, a arquitetura e os personagens estampam a relevante participação portuguesa na história do bairro.

Em 1980, na Rua Bandeira Branca, um dos mais tradicionais redutos da ocupação do bairro, nasceu a Mocidade Independente de Aparecida.¹⁴ Com suas casas geminadas com fundos para o Igarapé São Vicente, a pequena praça em que desagua esta rua sem saída retrata o que são a maior parte das ruas

de Nossa Senhora da Aparecida. O nome da rua está associado “a um antigo morador português, dono de uma taberna, que tinha por hábito colocar uma bandeira branca à porta do estabelecimento” (FREIRE, 2007, p.9). Esta ocupação ibérica do bairro é ainda presente nesta rua.

Mesmo com sede na Bandeira Branca, a escola ensaiava durante a década de 1980 na quadra Marcolino Lopes, situada na Rua Xavier de Mendonça que termina no Rio Negro e fica bem próxima da Igreja de N. Senhora Aparecida. A Xavier de Mendonça é toda recortada por becos e pequenas ruas que conservam registros do início da ocupação do bairro. Constitui-se, portanto, em um berço sentimental para o bairro.

Figura 12. Concentração para o ensaio de rua da Mocidade Independente de Aparecida na Rua Xavier de Mendonça à beira do Rio Negro, ao fundo



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



15. Já contando com o título de 2014 quando todas as escolas foram declaradas campeãs.

A Mocidade de Aparecida foi fundada em 1980 e colecionou 23 campeonatos sendo até hoje a maior campeã do carnaval de Manaus. Por essa razão a escola autodenomina “A Soberana”. Da mesma forma que colecionou títulos, a Aparecida foi arregimentando grandes rivais em sua vitoriosa história. Além da atual rival Reino Unido, nos primeiros carnavais a escola rivalizava com a Vitória Régia do bairro Praça 14 de Janeiro.

Fundada em 1975, a verde e rosa Vitória Régia localiza-se no bairro Praça 14 de Janeiro, próximo da Zona Central da cidade de Manaus. É vista como um “berço do samba” por ter se originado da Escola de Samba Mixta, fundada em 1947, situada na Praça 14 e considerada, por sua vez, a primeira escola de samba de Manaus. Além disso, a Praça 14 é reconhecidamente um bairro festeiro, especialmente em se tratando de festas ligadas à população maranhense que, ainda no século XIX, ocupou o bairro. Assim, desde muito cedo o samba emerge com destaque no cenário do bairro Praça 14, praticado nos terreiros de candomblé das “tias” e “mães” do bairro, dentre as quais está a mais conhecida na cidade, Tia Lindoca, fundadora da Vitória Régia (SALES, 2009). Na década

de 70, a Vitória Régia se destacou no carnaval da cidade, ao conquistar o carnaval de Manaus no período entre 1977 e 1980 de forma consecutiva.

Até hoje, os componentes da Vitória Régia reivindicam o maior número de títulos do carnaval de Manaus, pois consideram a Vitória Régia uma continuação da Escola Mixta, como nos diz o conselheiro da escola, Betão, em entrevista realizada na quadra da Vitória Régia:

Tem muita escola aí que eu não vou falar nome que vai botar nome lá pra fazer ensaio na sua quadra. Nós não, nós temos história. Nós temos vinte e oito campeonatos no carnaval de Manaus, quinze com a Mixta e treze com a Vitória Régia (Betão, conselheiro da Vitória Régia – 18/11/2013)

A Vitória Régia tem 11¹⁵ títulos - e não 13 títulos como declarado por Betão em seu depoimento - reconhecidos oficialmente. Seus torcedores acrescentam a estes os 15 campeonatos conquistados pela antiga escola Mixta da Praça 14, somando assim 26 taças.



Figura 13 – O GRES Vitória Régia em desfile no carnaval de 2015



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



Um dos momentos simbólicos da preparação para o carnaval 2015 foi um ensaio na quadra da Aparecida que congregou justamente essas duas escolas rivais. O evento chamado “Aparecida convida” foi recheado de atos que performatizavam a rivalidade entre as duas escolas de samba. Entre os discursos dos dirigentes da escola verde e rosa que enalteciam o evento, mas procurando não se sujeitar à rival. Passando por integrantes da escola da escola anfitriã que reclamaram o excesso da cor de rosa na decoração da quadra da Mocidade. Até chegarmos ao momento culminante de integrantes da verde e rosa proferirem xingamentos aos rivais e balançarem ostensivamente a bandeira no rosto de sambistas aparecidenses.

Dentre as etapas de preparação para os desfiles das escolas de samba, os ensaios realizados nas quadras e seus arredores têm espaço vital na constituição de seu calendário festivo. Um período de 3 a 4 meses - dependendo do dia em que a quaresma cair no ano – materializam todo um processo de preparação das escolas de samba para o desfile. Assim que escolhidos o enredo e o samba da escola – em alguns casos de forma concomitante ao processo de escolha do enredo e samba – os primeiros acordes, ou ao primeiro rufar de tambores, representam a forma de anunciar ao grande público que o desfile se

avizinha. Esse ciclo determina inclusive o calendário dos envolvidos e estrutura um referencial temporal próprio, o ano-carnavalesco (CAVALCANTI, 2006).

Durante este período toda uma rede de relações se mobiliza buscando alianças, espaços, representatividade e nesse movimento expressam-se dramas e conflitos. Um ambiente conflitivo permeia a vida das escolas de samba enquanto instituições e é marcante na edificação de suas relações com outras instituições e esferas de atividades das cidades em que estão imersas. Para descobrirmos de que forma essas relações são construídas é necessário buscar a exegese dos sambistas em suas formas de representação simbólica.

Em muitos casos essa preparação para o desfile vai além do objetivo explícito de aperfeiçoamento dos itens avaliados nos quesitos em que a escola será julgada, seja a escola de Manaus ou do Rio de Janeiro. Um dos elementos emblemáticos de uma escola de samba, a bandeira, nos indica este caminho. Durante o desfile, a bandeira da escola é a marca da agremiação. Sua passagem causa comoção aos componentes e torcedores. Carregada pelo casal de mestre-sala e porta-bandeira, o pavilhão da escola emociona das mais diversas formas durante a performance. Porém, mesmo antes, já na preparação seu protagonismo é celebrado, como nos chama atenção Renata Sá Gon-



çalves (2010). Assim a autora descreve os *ensaios técnicos*: “O ensaio técnico é o momento privilegiado de interação com a plateia. Por se realizar na própria Passarela do Samba e reunir um público crescente, ganha uma aura especial que faz dele um desfile linear específico apresentado a sua maior assistência e, por isso, emociona” (GONÇALVES, 2010, p.189).

Na preparação para o carnaval 2015, acompanhei um ensaio técnico com saída da Rua Xavier de Mendonça. Esta rua é perpendicular à Rua Alexandre Amorim onde estão localizadas a antiga Faculdade de Farmácia da UFAM, várias casas comerciais e consultórios médicos bem como a principal igreja do bairro. Esta rua não tem saída e, caminhando em sua extensão, vemos marcos históricos do bairro como a rua Elisa Bessa, a quadra Marcolino Lopes e finalmente em seu final a orla do Rio Negro. As casas antigas predominam e o movimento lembra a visão romantizada dos bairros de subúrbio carioca.

Os momentos que antecedem a quebra deste sossego não passam incólumes. São marcados por uma tensa negociação com aqueles que não gostam do barulho de uma escola de samba ainda que não seja por muito tempo. Apesar da concentração marcada para a rua, muitos passam antes na quadra o que forma uma bonita confluência de centenas de

pessoas para a Rua Mendonça Xavier. Boa parte dos componentes se concentravam no maior bar da rua. A bateria chegou com seus instrumentos na carroceria de uma pick-up de um dos diretores da escola. Os instrumentos pesados vêm nesta carroceria, os mais leves - como caixas, repiques, chocalhos e tambores – são carregados por cada ritmista. A bateria se posiciona no final da rua aguardando seus mestres, comandantes da ala rítmica. Com a concentração da bateria neste trecho mais estreito da rua uma agitada aglomeração já se forma e preocupa alguns moradores. Da sacada de um dos sobrados uma senhora convoca alguém para estacionar o carro num ponto mais afastado da rua. A quadra poliesportiva, localizada neste mesmo logradouro, onde meninos jogavam basquete naquela tarde de domingo já foi quadra de ensaios da Mocidade de Aparecida. O fato é saudado no discurso do presidente Luiz Pacheco antes do ensaio que além disso faz menção a vários dos baluartes da escola que moram ou moraram na rua Xavier de Mendonça.

O ensaio segue e o trajeto iniciado na rua transversal faz a curva entrando na rua da Igreja de Nossa Senhora de Aparecida. Naquele horário a missa já aconteceu. Quando a bateria alcança a entrada da igreja, para de tocar por quase uma passagem inteira



do samba de enredo do ano. Todos os componentes ficam de frente para a igreja e de lado para o cortejo da escola. Seus componentes, ainda sem tocar os instrumentos, se agacham e assim permanecem até o bis do refrão principal do samba (Figura 14). É a escola de samba reverenciando não apenas a santa padroeira, mas seu bairro. Ao tomarmos as relações problemáticas o carnaval tem com a igreja católica, acredito que a relação respeitosa e harmônica que a Mocidade de Aparecida mantém com a paróquia

local tenha raízes nesta evocação da identidade do bairro relacionada à devoção à Nossa Senhora de Aparecida. Não é à toa que esta é uma das poucas escolas a ostentar uma enorme escultura da santa no palco de sua quadra. Para ser Aparecida na avenida, no momento do desfile é preciso conhecer o bairro e respeitar suas tradições. Os ensaios saindo de ruas diferentes do bairro, com valores sentimentais são didáticos no portar-se como aparecidense.

Figura 14. Bateria da Mocidade Independente de Aparecida reverencia a igreja do bairro durante ensaio de rua



Foto de Taynah Pinheiro (2015)

Após o período de ensaios dentro da quadra e nos arredores da sede, as escolas de samba como a Mocidade de Aparecida, costumam testar sua preparação em ensaios na pista de desfiles. Os ensaios no sambódromo mobilizam praticamente a mesma estrutura dos ensaios de rua das escolas. Lá estavam cada uma delas com comissão de frente; os casais de mestre-sala e porta-bandeira; baianas; bateria; e de duas a quatro alas coreografadas dependendo do tamanho da escola. O tamanho deste aparato determina a força da escola para os que formulam especulações sobre a disputa do título entre a audiência dos ensaios.

Em Manaus, com a proximidade dos desfiles, tais negociações passaram a ser difíceis entre as escolas. Junto com isso, ocorre a exigência de maior organização para a data festiva. Nos primeiros anos que acompanhei (entre 2012 e 2014), os ensaios aconteciam uma semana antes dos desfiles e as escolas não contavam com a iluminação total da pista e muitos menos com o sistema de som oficial, tendo que improvisar o som com trios elétricos. Quadro que mudou completamente a partir do carnaval de 2015.

A Mocidade de Aparecida fez questão de participar destes ensaios com o máximo de componentes possível. Seus componentes deveriam se apresentar trajando camisa da escola, o que não acontecia em

todas as escolas. Aqui emerge a questão das pessoas que, vestidas com camisa, não estão ligadas a nenhum setor da agremiação. São os chamados *paraquedistas do samba* que negociam sua presença no desfile da escola em troca de uma camisa de diretoria que dá livre acesso à pista. Um destes confessou-me que seu grande objetivo era possibilidade de “*desfile ao lado da bateria mesmo sem tocar nada*”. Substituindo os carros alegóricos que demarcam os diferentes setores de um desfile estão os ônibus que carregaram seus componentes para o sambódromo. A comissão de frente que abriu o cortejo apresentava-se com a estrutura do tripé que ainda seria decorado para o desfile (Figura 15). A bateria já trazia os novos instrumentos do desfile, todos decorados com adesivos da escola referentes ao enredo do ano.

A riqueza dos ensaios no sambódromo revelava-se no público presente. Há aqueles já ansiosos pelo resultado do desfile vindouro. Tratam de elaborar rankings do desempenho das escolas de samba. Há também os que apenas querem ver e ser vistos. Teóricos da conspiração já soltam suas pérolas anunciando qual escola será campeã, qual será rebaixada baseando-se na rede de fofocas que já circula com bastante antecedência aos desfiles. Finalmente, lá estão os sambistas. Estes últimos negociam sua par-



tipificação nesta ou naquela escola; negociam trocas de material para o barracão nos retoques finais para os desfiles das escolas.

Figura 15. Ensaio técnico da Aparecida no Sambódromo de Manaus



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



4. As escolas de samba em desfile

O ápice ritual em qualquer escola de samba é o momento de seu desfile. Para chegar até lá uma série de ensaios são realizados. Estes ensaios aproximam-se deste ápice ritual e buscam encená-lo performaticamente. Do grito de guerra em diante pessoas dos mais diferentes pontos da cidade tornam-se moradores do Morro da Liberdade, por exemplo. Pessoas de diferentes estratos da sociedade manauara compartilham do sentimento de resistência proposto pela escola. Ajudam dessa forma a propagar um outro olhar, uma outra forma de representar o Morro da Liberdade frente à cidade. Mesmo aqueles que não frequentaram nenhum ensaio envergam a camisa da escola no desfile. Há os que contestem essa presença, especialmente componentes mais ativos da escola – mesmo aqueles que não são moradores do bairro – e olham com desconfiança para os denominados “paraquedistas” ou “sambeiros”. Tudo isso se esvai no momento e pós-desfile quando o discurso uníssono da avaliação dos componentes isenta a agremiação de todas as falhas pondo a culpa em problemas nos

rivais ou na injustiça dos julgadores.

O bairro - com suas ladeiras e vielas pacato durante o dia, visto sob o estigma da violência armada e de práticas condenadas, obscuras marcantes das regiões morais, dos espaços a serem evitados da cidade – transforma-se em uma arena que congrega outros espaços segregados da cidade em uma disputa central no calendário festivo em busca de uma imagem de si mesmo muito mais atraente, vibrante e relevante artisticamente. Embora nem todos os componentes da escola sejam moradores, todos os componentes passam a se identificar com o bairro e o frequentam através da escola. A escola de samba se firma desta forma como importante articulador da capacidade de transformação de imagens e representações do bairro. Podem até mesmo, as escolas de samba, articular identificações afirmativas dos bairros, valores sentimentais e nostálgicos; finalmente identificações religiosas, como veremos a seguir. Tudo isto posto em jogo em uma competição – pois disto se tratam os desfiles de escolas de samba, saber qual a melhor – onde a rivalidade é direcionada e canalizada.



Figura 16. Concentração para o desfile do Reino Unido da Liberdade



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



Da mesma forma é o sambódromo em dia de desfile a arena de afirmação do Bairro de Aparecida frente a cidade. Através de uma apresentação que busca a opulência de quem se afirma como soberana, a Mocidade de Aparecida busca sempre fazer uma apresentação para buscar o título. E o leitor certamente há de se questionar se não é essa a meta de todas as escolas? Ao que respondo afirmativamente, por óbvio. Vemos na apresentação de todas as escolas da primeira até a última colocada o esmero de quem se pretende e se anuncia como campeã. É a lógica ritual competitiva que faz com que todas busquem através do esmero em fantasias e alegorias apresentar-se como a melhor. A rivalidade se converte assim em valor positivo, entre adversários que precisam dos outros como complementares. Assim a soberania se justifica entre os demais. Assim o estigma confronta-se com a inventividade e a capacidade

de agregar toda a cidade em seus espaços.

Interessante foi constatar que as particularidades locais se desdobram em uma série de planos. Ela se revela na rivalidade que em certos momentos parece ecoar aquela de outras festas do estado. Ela se evidencia no caso de bairros estigmatizados, que ganham feição positiva na cidade de Manaus e no Brasil graças à atuação e ao significado de suas escolas de samba. Ela se evidencia também na afirmação da glória da escola de samba que se espelha em seu bairro famoso e central na cidade de Manaus e inspira a outros cidadãos e sambistas que almejam com suas escolas alcançar também a glória da vitória e com isso elevar o bairro ao sucesso quiçá nacional.

Mesmo ainda sem a almejada expressão nacional, são ricas e singulares as escolas de samba manauaras. Serão por muitos anos expressões fecundas e objetos de novas investigações nos mais diferentes campos.

Figura 17. Alegoria do GRES Andanças de Ciganos representando o suplício de Ajuricaba



Foto de Taynah Pinheiro (2015)



Referências

BARBIERI, R.J. **Carnaval em Manaus(AM): a cidade e suas escolas de samba.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: formação social e cultural.** 3. ed. Manaus, AM: Valer Editora, 1999.

CAVALCANTI, M. L. V. DE C. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile.** 3a ed. [rev.] ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CORDEIRO, G. Í. **Um lugar na cidade: Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica.** 1. ed. Lisboa: Etnográfica Press, 1997.

FREIRE, J. R. DE B. **Memorial: síntese da história de um bairro - Aparecida onde eu vivi.** Manaus: Uirapuru, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1988.

GONÇALVES, R. DE S. **A dança nobre do carnaval.** 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2010.

LEOPOLDI, J. S. **Escolas de samba, ritual e sociedade.** 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

OLIVEIRA, J. A. DE. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso.** 1. ed. Manaus, AM: Valer Editora : Cultura, Edições Governo do Estado : EDUA, 2003.



RICARDO JOSÉ BARBIERI E TAYNAH DA SILVA PINHEIRO

RODRIGUES, C. I. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. 1. ed. Belém, Pará: NAEA, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2008.

SALES, D. É Tempo de Sambar - História do Carnaval de Manaus. Manaus: Nortemania, 2009.